

DOIS PAULISTAS

JULIANA RIBEIRO E **WALTER NETO** TENTAM SE ACOSTUMAR COM A CIDADE. MAS A MÉDICA AINDA BUSCA REFERÊNCIAS DE SUA TERRA: BOAS PIZZARIAS E PADARIAS

48 MIL
PAULISTAS
MORAM
NO DF

LETÍCIA NOBRE

DA EQUIPE DO CORREIO

Da sacada de seu apartamento no 16º andar em Águas Claras, a médica Juliana Buzinaro Ri-

beiro, 30 anos, observa as construções altas e sente saudades de Campinas. Há um ano e meio na capital federal, ela e o marido, Walter Ramos Buga Neto, 27 anos, decoram a nova casa, comprada às cegas pela internet. "O prédio ainda estava em construção e é de uma cooperativa de funcionários do Banco do Brasil, onde meu marido trabalha. Compramos sem ver pessoalmente", conta a pediatra.

O casal procura se adaptar à nova rotina. Juntos há seis anos, eles moraram em Formosa e na Asa Norte, enquanto o apartamento não ficava pronto. "A obra atrasou um ano, eu trabalhava na prefeitura (de Formosa) e o Buga, em Brasília", recorda Juliana. Como ficava muito tempo sozinha, ela comprou uma cadela shitzu, a Sofia. "Meu marido saía muito cedo e chegava tarde da noite. Ela me fazia companhia, é minha filha de quatro patas."

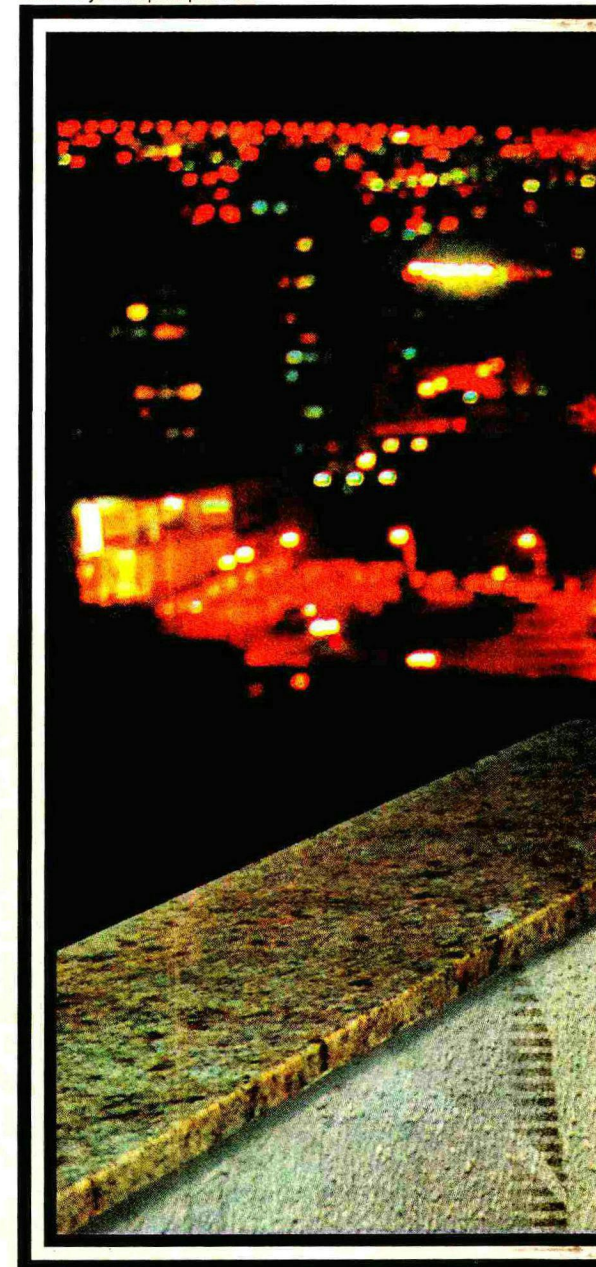
A paulista ainda não se acostumou, mas tem certeza que aos poucos a cidade a conquistará. "É muito diferente, sei que vou me adaptar, mas o mercado médico é muito fechado", lamenta.

Segundo Juliana, para Walter tem sido mais fácil, pois ele acabou fazendo amizade com vários colegas do banco que vieram transferidos na mesma época. "São pessoas de vários estados: gaúchos, sul-matogrossenses", cita. Com o tempo, ela espera aproveitar melhor a cidade. "Conheço pouco, e o que me surpreendeu foi perceber que o custo de vida aqui não é tão caro como me diziam, pelo menos comparado com minha cidade."

Onofre Silva, 41 anos, e sua família conhecem bem as dificuldades de adaptação. Há oito anos, quando deixaram a terra da garoa com destino ao Planalto Central, o filho Guilherme tinha dois anos e Giovana era recém-nascida. A mulher, Maria Lúcia, deixou o emprego e passou a se dedicar à família. "Foi bem complicado, mudou nosso estilo de vida. Como não tínhamos com quem deixar as crianças passamos a ter menos vida noturna", recorda.

Um sacrifício que valeu a pena na avaliação de Onofre. Ele foi transferido para Brasília para assumir a diretoria regional de uma rede de super-

Minervino Júnior/Especial para o CB



mercados e bateu o recorde de permanência no cargo. "Outros colegas já haviam passado por essa poltrona, mas só eu consegui ficar tanto tempo", comemora.

Hoje, se sente orgulhoso da cidade que o acolheu e procura quebrar o preconceito de seus amigos paulistanos. "Quem não conhece acha que aqui só existe política. Explico que essa é



"AQUI, VEMOS
O CÉU, O
HORIZONTE.
OUTRA
VANTAGEM
DE VALOR
IMENSURÁVEL:
VEJO MEUS FILHOS
CRESCEREM.
ALMOÇO EM
CASA PELO
MENOS DUAS
OUTRÉS VEZES
POR SEMANA"

WALTER NETO

uma imagem equivocada", afirma. "Brasília é uma cidade pequena metida a grande", brinca. O que mais lhe impressiona é a vista do horizonte e a possibilidade de estar perto da família. "Aqui, vemos o céu, o horizonte. Outra vantagem de valor imensurável: vejo meus filhos crescerem. Almoço em casa pelo menos duas ou três vezes por semana."

O que nenhum deles discorda é que Brasília, as-

sim como São Paulo, é uma terra de oportunidades. Essa característica marcante atrai povos de todos os lugares e provoca uma miscelânea de culturas e costumes. "Esta é uma cidade voltada ao trabalho, onde as pessoas têm chance de crescer, melhorar de vida" comenta Onofre.

Mesmo confiantes nas escolhas, eles procuram manter alguns hábitos da tradição familiar. "Ainda

estamos procurando uma pizzaria como as paulistas e padarias que sirvam pão quente a toda hora", resalta Juliana. Se a saudade aperta, aproveitam fins de semana e feriados para curtir os familiares e amigos. Tanto Onofre quando Juliana e Walter costumam viajar duas vezes por mês a São Paulo. "Não consigo ficar muito tempo longe, é muita saudade", comenta a médica.